

O Congresso em crise de estilo

Gravatas importadas e calça jeans no plenário criam polêmica em Brasília e mostram que a moda pode mobilizar os políticos com mais força — e graça — que a ideologia

MONICA GUGLIANO

BRASÍLIA — Alguns políticos ficaram de saia justa nesta terça-feira. A Comissão de Economia, Indústria e Comércio da Câmara foi à ministra Dorothea Werneck pedir subsídios para o setor têxtil nacional. Constrangidos, os deputados se deram conta de que estavam de roupa importada. Essa história recente é apenas mais uma que mostra como questões de estilo volta e meia viram tema — para gracejos, fofocas ou deliberações — no Congresso. Seja na polêmica criada há três semanas pela calça jeans da senadora Marina Silva (PT-AC), seja pelo habitual descompromisso do deputado Fernando Gabeira (PV-RJ).

O uso de terno e gravata não é norma, mas fica subentendido como sendo de bom tom. Tal uniformização, porém, não impede que os congressistas tenham suas vaidades. O líder do Governo na Câmara, Luís Carlos Santos (PMDB-SP), é dono de uma coleção de gravatas invejável:

— Gosto de estar bem, por isso tenho boas gravatas. Alguns pensam que gasto muito com isso. Mas não. Ganho muitas e boa parte é comprada numa ponta de estoque em Nova Iorque, ao lado do World Trade Center.

Políticos podem ser cosmopolitas como Santos ou se ater a suas raízes, como Marina Silva:

— Adoro bijuterias artesanais feitas por índios. Faz parte da minha cultura — diz a senadora, que há três semanas subiu com calça jeans ao plenário, onde a norma (que não se refere diretamente às senadoras) exige mulheres de saia.

Cru ou cozido? Jeans ou tailleur? Importado ou nacional? As polarizações do estilo acabam sendo mais rigorosas do que as ideológicas. O petista Jacques Wagner (BA), líder do partido na Câmara, está muito distante do estereótipo do militante de esquerda quando se trata do guarda-roupa. Ternos bem cortados e gravatas elegantes, ele apenas se permite ousar no colorido do acessório. Gosta, por exemplo, de uma gravata de seda com estampas florais multicoloridas, da Tailândia. Sua elegância arranca comentários irônicos dos companheiros de bancada.

— Ele precisa arrumar as idéias com o mesmo alfaiate que cuida das roupas — provocou o também elegante Paulo Delgado (PT-MG).

A mais jovem deputada desta legislatura, Vanessa Felippe (PSDB-RJ), 22 anos, ressalta que o hábito não faz o monge:

— Sou conservadora apenas no vestir. A roupa retrata o temperamento e não a ideologia.

OK, então roupa não faz política. Mas que o estilo ajuda a marcar presença no dia-a-dia do



Gabeira: blazer sem lapela



Vanessa: conservadora

Gustavo Miranda



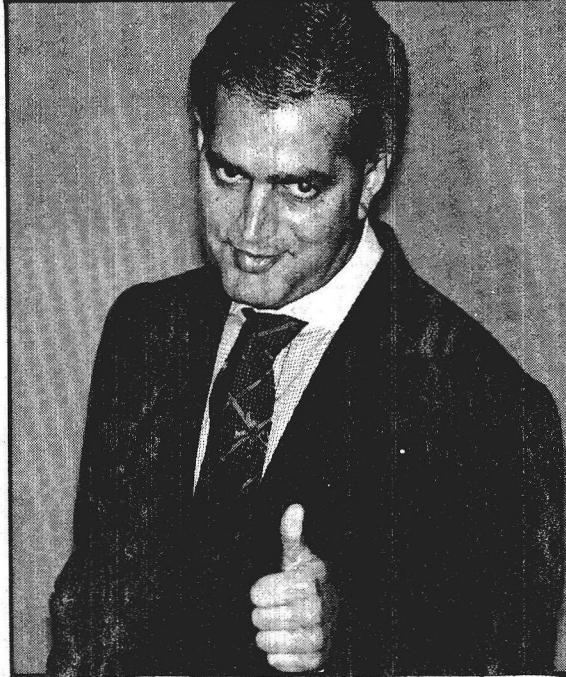
Marina usa bijuterias indígenas para cultivar suas raízes amazônicas

Gustavo Miranda



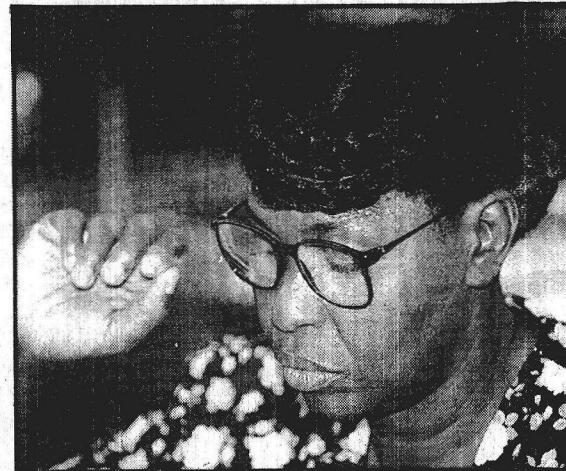
Luís Eduardo quer perfume exclusivo

2-2-95



Luís Eduardo quer perfume exclusivo

Gustavo Miranda



Bené: penteado afro combina com idéias

Gustavo Miranda

“ Não gasto tanto com gravatas. Compro numa ponta de estoque, em Nova York ”

Luis Carlos Santos
Líder do Governo na Câmara

“ Eu adoro bijuterias de artesanato feito por índios. Faz parte da minha cultura ”

Marina Silva
senadora

Congresso, isso ajuda. Destacar-se é fundamental, por exemplo, para o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), que trocou seu perfume favorito, Jazz, quando o aroma se tornou popular na Câmara. Ou para a senadora Benedita da Silva (PT-RJ), que luta pelo direito dos negros usando vistosos penteados afro. Ou no caso de Gabeira, que defende o direito à legalização da mudança de sexo e a descriminalização do uso da maconha vestindo paletós sem lapela e calças jeans com barra dobrada.

Caso mais flagrante — para não dizer folclórico — de congressista que quer marcar presença é o da deputada Esther Grossi (PT-RS), famosa por combinar a cor dos cabelos com a da roupa. Segundo as demais deputadas, isso não impede que suas idéias sejam respeitadas. Mas há quem ache que é bom não exagerar, como a deputada Martha Suplicy (PT-SP):

— No começo do mandato foi bom a Esther fazer esse estilo. Ela ficou conhecida. Agora ela precisa colocar seu talento em evidência e tornar-se conhecida como a grande e respeitada educadora que é.

A deputada e sexóloga Martha é adepta de tailleur alinhados e se veste como executiva do mercado financeiro. Seja qual for o estereótipo que paire no título de sexóloga, Martha não se adequa a ele. Não tem sequer um jeans em seu guarda-roupa:

— Acho chiqueiríssimo, mas não combina com meu corpo.

Martha Suplicy não tem sequer um jeans